

## Variações lingüísticas em textos jornalísticos especializados em crítica musical

Leonardo Pinheiro Mozdzenski\*

---

---

Resumo:

O Português pode apresentar tanto variações em função do usuário da língua ("dialetais"), quanto variações devido ao uso que se faz da língua ("de registro"). Os textos jornalísticos - com relevo os especializados em crítica musical - revelam-se fonte riquíssima para a percepção desse fenômeno. Este artigo investiga o uso de alguma dessas variedades em textos de revistas de entretenimento especializadas em crítica musical.

---

---

**A** Língua Portuguesa não se realiza de maneira única ou uniforme; antes, apresenta-se riquíssima em variações decorrentes de quem a utiliza, de como ou quando é usada, de para que ou para quem é empregada, etc. O presente trabalho tem por escopo demonstrar como se manifestam algumas das diversas dimensões dessas variedades lingüísticas, evidenciadas em trechos colhidos de alguns periódicos selecionados por amostragem. No intuito de tornar a análise direcionada tanto quanto possível, optou-se pela pesquisa nas seguintes revistas de entretenimento especializadas em crítica musical: Bizz, Showbizz, Guitar Player e Revista Brasileira de Música.

Conforme ensinam Halliday, McIntosh e Stevens (apud Travaglia, 1996:42), é possível distinguir essencialmente duas formas de variedades lingüísticas: os dialetos e os registros. Enquanto estes "ocorrem em função do uso que se faz da língua", aqueles "ocorrem em função das pessoas que usam a língua". Ainda segundo os autores, assinalam-se pelo menos seis dimensões da variação dialetal: a territorial, a social, a etária, a sexual, a histórica e a de função. Em relação à variação de registro, classificam-na "quanto ao grau de formalismo, modo e sintonia" (Travaglia, 1996:51).

Um dos tipos de variação dialetal facilmente perceptível nos periódicos analisados diz respeito às variedades sociais, as quais "ocorrem de acordo com a classe social a que pertencem os usuários da língua" (Travaglia, 1996:45). Essas "variações de um grupo social para outro são chamadas variantes diastráticas" por Platão e Fiorin (1996:112) e envolvem um número significativo de variações, tais como gírias e jargões, como também expressões de certos segmentos sociais bem definidos enquanto grupos - como a linguagem dos economistas, dos médicos, dos marginais, das classes mais ou menos abastadas, etc. Os exemplos encontrados são vastos e, em geral, utilizados pelos jornalistas tentando criar uma imagem social do artista focado.

---

\*Trabalho realizado na disciplina de Língua Portuguesa III, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Angela Paiva Dionísio, em 1998.1, e apresentado na VII Mostra de Artes e Comunicação, promovida pela Coordenação Setorial de Extensão do Centro de Artes e Comunicação - UFPE, no período de 23 a 25 de novembro de 1998.



Concomitantemente, fazem com que o leitor se identifique com uma linguagem semelhante à sua e se envolva com o assunto retratado. Observe-se como o exposto a seguir evidencia nitidamente essa pretensão.

A banda australiana Midnight Oil -cujos fãs são constituídos basicamente por surfistas- encontra-se em fase decadente. O título da matéria "Merrequeiro, mas feliz" (Só, 1997:40-41) vai direto ao ponto: faz alusão à "merreca", gíria que, no vocabulário do surfe, designa onda fraca, menor, maré baixa.

Já ao descrever uma viagem à Jamaica para um festival de "reggae", o cronista não poupa termos próprios dos admiradores desse gênero musical: "Enquanto o vocalista (...) cantava 'Banana da Martinica', um rasta aborda o jornalista brasileiro na platéia com um baseado" e "A ganja é a primeira coisa que lhe oferecem (...)" (Só, 1996:37). "Rasta", corruptela de "rastafári", denomina os nativos jamaicanos; "baseado" e "ganja" significam cigarro de maconha.

Alguns "jargões homossexuais" também são intencionalmente empregados, relacionando o uso dessa variação social ao linguajar dos artistas e antecipando ao leitor sobre o que trata a matéria. É o caso da sufixação por superlativo, ao se anunciar a entrada de um novo membro no grupo inglês assumidamente "gay", Suede: "Entrosadíssimos. Brett Anderson, vocalista do Suede, comenta a aquisição de seu novo bibelô: o tecladista Neil Codling, parceiro dele no disco Coming Up" (Zeni, 1997:55-56). Note-se a possibilidade de leitura de um duplo sentido referente à palavra "parceiro", aqui usada como colega da banda, mas sendo muito comum associá-la ao companheiro ou consorte (Ferreira, 1986:1.269). Há, ainda, gírias específicas, como em: "Bofes na ferveção. (...) O tema do babado era paganismo e a banda homocore Extra Fancy animou os convidados." (1995:95)

Em se tratando dos segmentos economicamente menos favorecidos, é possível perceber a despreocupação com regras da "gramática culta", sobretudo em entrevistas. Tome-se como exemplo o depoimento de um dos integrantes dos Raimundos (grupo brasileiro formado por jovens de classe baixa): "Tinha umas coisas que eu já ficava viajando quando eu morava sozinho. (...) todo dia acordava, fumava um e aí começava a pirar nuns timbres (...)" (Rondeau, 1997:41). A tentativa de buscar uma interação "leitores-revista-artistas" é tal, que levou o jornalista a dar à sua matéria o título de "Lapadas Sofisticadas" - parafraseando o título do disco do grupo, Lapadas do Povo -, não sem antes ter de incluir uma nota explicativa para distinguir o significado de "lapadas" no "Aurélio" e segundo o "povo grosso" (idem, ibidem).

Uma outra variedade dialetal detectável refere-se à variação territorial ou geográfica - ou o que Platão e Fiorin (1996:112) denominam "variantes diatópicas". Faraco e Tezza (1992:31) esclarecem: "de região para região, o padrão aceita diferenças de pronúncia (...), de vocabulário (...) e de sintaxe (...)". Os jornalistas utilizam tal recurso para caracterizar a imagem do artista - às vezes, de modo caricato - e, simultaneamente, despertar o interesse do leitor por expressões fora da sua realidade lingüística regional.

Veja-se, por exemplo, a designação de "óxente music" dada pelos jornalistas ao "forró modernete" produzido em Fortaleza, cuja discografia inclui pérolas do cancionário popular, como Arroxa o nó e Só pra xamegar, dentre outras (Halfoun, 1994:20-

21). Ainda no Nordeste, Pernambuco vem representado pelas bandas Chico Science & Nação Zumbi e Mundo Livre S.A., que fazem os críticos não economizarem associações a elementos locais, tais como “A caranguejada sonora de Chico Science (...)” (Ruiz, 1996:34), “Tem chip no maculelê”, “Chico Science (esse de chapeuzinho coco) comanda o arrastão dos mangue boys (...)” e “(...) seus vocais ‘rapenteados’ (rap + repente) (...)” (Dias, 1993:23-24).

Do Sul, a matéria conta que Humberto Gessinger, vocalista gaúcho dos Engenheiros do Hawaii, apesar de estar “trifeliz com a nova formação da banda”, parecia “pelar de medo de andar de helicóptero” (Aquino, 1997:25-26). Em outro momento, o cantor confessa que convive bem com o fato de não gostar da vida boêmia: “Não gosto de sair nem do quarto. Na buena.” Ao que o redator retruca sarcástico, desqualificando o seu discurso: “É, ele fala ‘na buena’.” (Muniz, 1995:32).

Em Minas Gerais, tem-se o exemplo-mor do Skank, cujas reportagens vêm frequentemente pontuadas por expressões regionais como “Ô trem bão” (Halfoun, 1995:20), “O milhão come-quieto do Skank” (1995:1) - onde se conjuga a fama de o mineiro ser um “come-quieto” com o fato de o grupo ter vendido 1.000.000 de discos sem maiores alardes -, e, inevitavelmente, “Contatos imediatos, uai!” (1997:87). Ainda nesse caso, é comum utilizarem-se termos tais quais “os skankinhos” ou “os mineirinhos”, como na matéria Et’s de Copacabana (1997:14-15), reproduzindo um linguajar local, através de diminutivos.

É interessante observar que um mesmo recurso da linguagem -qual seja: a sufixação por diminutivos- pode ser empregado com sentidos totalmente distintos, abarcando, por conseguinte, outros planos da variação lingüística, como se verá a seguir.

As variedades sexuais, por exemplo, “representam as variações de acordo com o sexo de quem fala” (Travaglia, 1996:47). À exceção das diferenças determinadas por razões gramaticais -mais evidentes-, as demais formas de manifestação dessa variante são por vezes muito sutis. Note-se o sentido pejorativo -e, aqui, bem machista- ao descrever a cantora Gwen Stefani (do grupo americano No Doubt). A resenha já inicia com um “MUITO BOAzinha”, e segue enaltecendo as suas preocupações de “mulherzinha”, que adora ler “fofoquinhas” sobre atores, fazer “gracinhas” ao falar no telefone (“...e depois de passar séculos desenvolvendo o mesmo assunto, solta um ‘sei lá’.”), além de perguntar se pode contar um “segredinho” e confessar que seu único “probleminha” é não saber se tem talento suficiente para fazer cinema (Halfoun, 1997:45-48). O que se fez foi recorrer a uma linguagem estereotipadamente feminina, criando um arquétipo não menos exagerado da artista “delicadazinha” e desqualificando seu discurso. Ainda com relação a essa variação, tal expediente é usado no intuito de responder, sob a forma de escárnio, a um leitor ora elogioso, mas que usualmente faz reclamações à revista: “Metaleirinho, hein, Taddon! Mas agora é tarde demais, não aceitamos mensagens meiguinhas. Vem pra porrada, vem...” - Gente que baba (1997:10-11). Revela-se, aqui, subentendida a utilização dos diminutivos: seria uma variedade dialetal sexual, somente aplicável, em princípio, às “menininhas” ou mesmo aos “mariquinhas”, nunca a um roqueiro “machão” de verdade, e então empregada para despertar no leitor um envolvimento emocional com o tom humoris-

ticamente agressivo do comentário.

Um pouco menos preconceituoso, mas sem dispensar a ironia, foi valer-se do diminutivo para anunciar o novo fenômeno da música juvenil americana: o Hanson, formado por três irmãos entre 11 e 16 anos. Tal artifício evidencia como uma variação lingüística dialetal etária pode funcionar de maneira depreciativa. Esse tipo de variante decorre “da diferença do modo de usar a língua por pessoas de idades diferentes (...): crianças, jovens, adultos, velhos (...)” (Travaglia, 1996:46). O jornalista busca, pois, cativar o leitor com um efeito cômico, ao empregar um linguajar infantil próprio, que corresponderia -de maneira caricaturesca- ao dos integrantes do conjunto. A matéria intitula-se “Que gracinha! Conferimos de perto os fofinhos do Hanson, campeões mundiais na categoria pop fraldinha” (Halfoun, 1997:36-37). Como se não bastasse, as letras foram adornadas com uma chupeta.

Do exposto, é facilmente perceptível a pouca preocupação dos jornalistas e dos artistas em foco com a formalidade. Constata-se que, quer nas entrevistas, quer nas resenhas críticas - língua falada e língua escrita, respectivamente, enquanto variações de registro quanto ao modo, consoante expõe Travaglia (1996:51-52), o tom assumido, no primeiro caso, é coloquial ou mesmo casual e, no segundo, semiformal tangenciando o informal. As variações lingüísticas de registro quanto ao grau de formalismo ora citadas constituem gradações que vão desde a mais informal à mais formal, dependendo do maior esmero e variedade no emprego dos recursos da língua, ou o que Faraco e Tezza (1992:113) designam “níveis de formalidade”. Segundo Platão e Fiorin (1996:113), “as variações de uma situação de comunicação para outra são denominadas variantes diafásicas”, quer sejam situações que permitam “uma linguagem bem informal”, quer as que exijam “um nível mais formal de linguagem”. Essas escalas podem abarcar as duas variedades de modo já mencionadas (língua escrita e língua falada), como bem esquematizou Bowen (apud Travaglia, 1996:54). O objetivo de as revistas pesquisadas buscarem a informalidade é óbvio: aproximarem-se dos leitores -em geral, adolescentes- utilizando um linguajar considerado apropriado àquele público-alvo.

Percebe-se desde já a terceira dimensão das variações de registro: a sintonia. Essa decorre do “ajustamento na estruturação de seus textos que o falante faz, com base em informações específicas que tem sobre o ouvinte” (Travaglia, 1996:56). O autor ainda as dimensiona em quatro planos: o status, a tecnicidade, a cortesia e a norma. Da amostra selecionada, percebe-se que tais periódicos utilizam a variação de registro na dimensão da norma em seus textos, já que lançam mão “do que julgam ser apropriado para falar com aquele leitor em particular” (Travaglia, 1996:57). Veja-se como o editor lança mão desse meio -mesclando-o com a variação dialetal sexual-, ao relatar o seu encontro com a citada cantora Gwen Stefani: “Meninas, eu vi: há uma estrela com novos padrões de comportamento despontando, (...) é poderosa, sem apelar para a baixaria nem ceder um milímetro de sua feminilidade. E, sim, meninos tarados, eu vi: Gwen Stefani tem uma pintinha do lado esquerdo do abdômen (...) acima do umbiguinho (...)” (Só, 1997:8). A variação de registro na dimensão da cortesia já foi exemplificada acima, na resposta ao leitor Taddoni, onde se finaliza com um nada polido “vem pra porrada, vem...”. Os termos empregados em matérias específi-

cas para instrumentistas representam, por seu turno, uma variação lingüística de registro no plano da sintonia - tecnicidade (Travaglia, 1996:57). Afinal, não é do conhecimento popular -mas restrito a certa categoria técnica, acadêmica, etc.- por que a "escala 'raga' hindu consiste na verdade, de um fragmento de escala menor harmônica alternada com uma nota pedal" ou que a "escala japonesa 'hirajoshi' pode ser analisada como um modo eólio com a 4ª e a 7ª omitidas" (Okayama, 1996:96).

Se forem incluídas nesta análise as publicações congêneres do início do século, perceber-se-á que o grau de formalismo era naturalmente bem mais acentuado. Além disso, outro componente de diferenciação lingüística é marcante: a variação dialetal histórica. Esta consiste nos "estágios no desenvolvimento da língua" (Travaglia, 1996:48) ou o que Platão e Fiorin (1996:114) chamam "variantes diacrônicas". Especificamente quanto às alterações ortográficas diacrônicas, observe-se que no excerto extraído da Revista Brasileira de Música, datada de 1936 (Cunha, 1936:293), constam inúmeras palavras com a grafia daquela época, como: "belleza", "rythmos", "dansas", "synthese", "architectado", "anachronismos", "peor", etc.

Como advém dos exemplos acima mencionados, é possível afirmar que a pluralidade das variações presentes na Língua Portuguesa é um fato. O Português é prolífero em variedades lingüísticas, como foi possível observar no decorrer deste trabalho. Restringir-se, pois, à "norma culta", a uma língua padrão inflexível, implica vilipendiar elementos imanentes à comunicação entre seus usuários: sua região de origem, o grupo social no qual está inserto, sua idade e sexo, sua noção da necessidade de se expressar de forma mais ou menos formal, etc. Conceitos como "adequação" e "inadequação" devem, de pronto, substituir o "certo" e o "errado", ao se tratar do emprego desta ou daquela variação lingüística. Destarte, sem o preconceito advindo de imposições políticas, econômicas e sociais, a língua pátria poderá fomentar plenamente a sua eficiência comunicativa.

#### Referências Bibliográficas

- AQUINO, Alexandre (1997). Guerrilheiros do Hawaii. Showbizz. 13(10):25-26.  
 BOFES na ferveção (1995). Showbizz. 11(1):95.  
 CONTATOS imediatos, uai! (1997). Showbizz. 13(6):87.  
 CUNHA, José Itiberê. Lo Schiavo (1936). Revista Brasileira de Música. 3(2):293.  
 DIAS, Gabriela (1993). Tem chip no maculelê. Bizz. 9(12):24-25.  
 ET'S de Copacabana (1997). Showbizz. 13(12):14-15.  
 FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão (1992). Prática de Texto: língua portuguesa para nossos estudantes. 5a ed. Petrópolis, Vozes.  
 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1986). Novo dicionário de língua portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.  
 GENTE que baba (1997). Showbizz. 13(12):10-11.  
 HALFOUN, Robert (1994). E tome forró! Bizz. 10(7):20-21.  
 HALFOUN (1997). Muito boazinha. Showbizz. 13(10):45-48.  
 HALFOUN(1995). Ô trem bão. Showbizz. 11(1):20.  
 HALFOUN(1997). Que gracinha. Showbizz. 13(8):36-37.  
 MUNIZ, Hélio (1995). O bagaceiro arrumadinho. Showbizz. 11(1):32.

- O MILHÃO come-quieto do Skank (1995). Showbizz. 11(1):1.
- OKAYAMA, Márcio (1996). Escalas Exóticas. Guitar Player. 1(9):96.
- PLATÃO, Francisco; FIORIN, José Luiz (1996). Lições de texto: leitura e redação. São Paulo, Ática.
- RONDEAU, José Emilio (1997). Lapadas Sofisticadas. Showbizz. 13(8):41.
- RUIZ, Cristina (1996). Caranguejos com pimenta. Showbizz. 12(9):34.
- SÓ, Pedro (1996). Bananas na Jamaica. Showbizz. 12(9):37.
- SÓ, Pedro(1997). Merrequeiro, mas feliz. Showbizz. 13(6):40-41.
- SÓ, Pedro(1997). Pauta. Showbizz. 13(6):8.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1996). Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1° e 2° graus. São Paulo, Cortez.
- ZENI, Bruno (1997). Entrosadíssimos. Showbizz. 13(6):55-56.